

**FACULDADE SÃO LUÍS DE FRANÇA**

**NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA: NOVAS  
ABORDAGENS**

**EMBELÊCO**

**O ALARME FALSO NA DANÇA DE RUA**

Aracaju, 20 de janeiro de 2011

**FACULDADE SÃO LUÍS DE FRANÇA**  
**NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA: NOVAS**  
**ABORDAGENS**

**EMBELÊCO**

**O ALARME FALSO NA DANÇA DE RUA**

Trabalho apresentado pela acadêmica Maria dos Prazeres Nunes ao curso de Pós-Graduação em Ensino de História como requisito para obtenção do título de Especialista em Ensino de História, pela Faculdade São Luís de França, sob a orientação da Profª. Msc. Solimar Guindo Messias Bonjardim.

Aracaju, 20 de janeiro de 2011

## RESUMO

O presente artigo na temática da história cultural tem por objetivo analisar e apresentar uma reflexão sobre a dança de rua “Embelêco”, do povoado Capunga – Moita Bonita/SE, manifestação criada na década de quarenta da mistura do Reisado e da Queima de Judas, que faz parte da identidade do lugar. Este evento já se tornou uma tradição cultural, a qual ocorre todos os sábado de aleluia. Com o intuito de alegrar as pessoas, esse grupo sai de casa em casa, cantando e dançando músicas extrovertidas para malhar um boneco simbolizando o Judas traidor de Jesus Cristo. No final da brincadeira, à noite, lêem um atestado das heranças que o Judas deixou para o povo, após toca-se fogo no mesmo. Portanto, uma educação patrimonial é essencial para o reconhecimento e a preservação desta dança de rua “Embelêco”, principalmente para a perpetuação do patrimônio e da identidade deste povoado.

**Palavras - Chaves:** Dança Folclórica, Embelêco, Identidade Cultural.

## ABSTRACT

This article on the subject of cultural history to analyze and present a discussion on the street dance "enriches" the village Capung - Moita Bonita / SE manifestation created in the forties of the mixture of Epiphany and the burning of Judas which is part of the identity of the place. This event has become a cultural tradition, which takes place every Easter Saturday. In order to make people happy, this group goes from house to house, singing and dancing to music extroverted work out a doll symbolizing Judas betrayed Jesus Christ. At the end of play at night, read a certificate of inheritance which Judas left to the people, after playing up in that fire. Therefore, a heritage education is essential for the recognition and preservation of street dance "enriches", especially for the perpetuation of the heritage and identity of this town.

**Keywords:** Folkloric Dance, Enriches, Cultural Identity.

## **EMBELÊCO: O ALARME FALSO NA DANÇA DE RUA**

Maria dos Prazeres Nunes<sup>1</sup>  
Solimar Guindo Messias Bonjardim<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Desde a Idade Média as culturas populares principalmente as danças são criadas e introduzidas como um meio de ensinar e educar o indivíduo que se encontra numa coletividade chamada comunidade ou sociedade. Deste imaginário a religião é associada à cultura popular como instrumento de aprendizado, para atrair e alimentar sentimentos de fé. Quando estas culturas populares se perpetuam e ganha a sociedade as pessoas passam a se identificar com a cultura; esta identificação, atualmente é chamada de patrimônio cultural.

A mistura entre o religioso e o profano, foi ramificada de nação para nação. As grandes navegações portuguesas e espanholas foram os responsáveis pela proliferação no continente americano, desse ato crêdulo. Segundo Alencar (2003, p.91) “os Autos era apresentado com a função de repassar os ensinamentos religiosos e buscavam uma integração popular. Esta influência medieval esteve presente na obra de Gil Vicente o criador do teatro português integrando elemento religioso e profano”. Portanto, naturalmente esses costumes chegaram ao Brasil: as danças folclóricas, os folguedos e outros.

A preservação das identidades e patrimônio culturais é de suma importância para o povo de um país, uma nação, Estado, comunidade ou sociedade que zela pela memória de suas raízes. Dessa forma o conhecimento da cultura popular é primordialmente um avanço para compreender a dinâmica vivencial de um povo. Esta pesquisa objetiva analisar e apresentar uma reflexão sobre a dança de rua “Embelêco”, do povoado Capunga – Moita Bonita/SE, manifestação que faz parte da identidade do lugar. Esta manifestação cultural preserva sua identidade a mais de setenta anos, e se originou de outras danças, como o Reisado que circulava como visitante de outras regiões para expor sua arte naquela povoação, e do “Queima de Judas”. Por isso o processo de investigação do conhecimento desses valores culturais, tem a necessidade também de uma exploração no reconhecimento desse evento

---

<sup>1</sup> Apresentação (graduação e pós-graduação, vínculo empregatício, participação em grupos de pesquisa) e-mail: prazernunes@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Orientadora do curso de Especialização em Ensino de História: E-mail solemessias@yahoo.com.br

como um valioso patrimônio imaterial cultural, para que possa ter uma conscientização popular mais ampla na conservação do mesmo, através do modo educativo, transmitido por meio da educação escolar.

O método de investigação deste estudo perpassa pelas discussões da história cultural. O encaminhamento metodológico utilizado na pesquisa foi à história oral. Assim, realizou-se entrevista com os moradores dessa comunidade, os quais contribuíram na reconstrução da memória oral, numa narrativa do passado vivido ao longo do tempo, demonstrando todo o percurso desse evento desde a sua criação e fundação. Os depoimentos expressam emoções e sentimentos. Criou-se uma relação afetiva popular que semeia no pregar de todas as fantasias dos personagens que participam desse evento. Daí a importância para continuarmos preservando essa dança folclórica.

## **COMUNIDADE CAPUNGUENSE**

Atualmente o povoado do Capunga pertence ao Município de Moita Bonita, mas já pertenceu ao Município de Itabaiana. No inicio da década de sessenta, Itabaiana tinha como chefe político o Sr. Euclides Paes Mendonça, e seu irmão Pedro Paes Mendonça era seu adversário político e tinha muita influência naquela região: Capunga, Serra do Machado, Candeias, Figueiras e outros que funcionavam como seu colégio eleitoral. Como então deputado estadual, Pedro Paes Mendonça não conseguia vencer seu irmão Euclides, em outras regiões do Município de Itabaiana. Então Pedro decidiu lutar pela independência da região que tinha a maior população concentrada no povoado Capunga. Porém seu irmão Euclides tinha como inimigo maior o vereador “Sinhô de Néu” que era filho desse povoado e também lutava pela independência, por isso Euclides não concordava que o Capunga ficasse independente. Após muito jogo de influência, na decisão, Pedro então elevou a categoria de sede um sítio chamado Alto dos Coqueiros o qual ele criou o nome de Moita Bonita, assim Capunga perdeu a possibilidade de ser a sede do município (CINFORM, 2002, p.144).

O povoado Capunga era bastante conhecido pela região devido ao comércio de sua feira livre, atraia feirantes de toda vizinhança como: Gado Bravo, Borda da Mata, Itabaiana, Ribeirópolis, Cana Brava, Alecrim, Itapicuru, etc. Atualmente esta feira está quase extinta, apesar do crescimento da povoação. Mesmo assim, é uma região rica em produtos agrícolas de toda espécie principalmente a farinha de mandioca e bata doce. Sua serra possui beleza natural repleta de vegetação nativa.

Segundo as informações do livro historia dos municípios (2002) do jornal Cinform, o Capunga é descendente de uma aldeia indígena, que situava no pé da serra, a qual possuiu o mesmo nome.

Antigos moradores do Capunga contam que a povoação foi fundada em 1843 pelo português Antonio Brito, que depois de muitas brigas com os índios, possivelmente xocós, dominou as terras da região. O nome “Capunga” é explicado através da junção de duas palavras: Capanga e mapurunga, árvores comum na localidade. Era em baixo delas que os índios faziam tocias a Antônio Brito e seus comandados. (CINFORM. 2002, p.144).

Porém, esta data não confere, com os relatos expressos no livro, divisão territorial de Sergipe. Segundo Freire (1995, p. 60) por volta de 1725 o povoado Capunga fazia parte da divisão territorial do Município de Itabaiana. Ou seja, “o limite da vila de Itabaiana ia até a fazenda Taborda e de Capunga”. Talvez houvesse um engano com a passagem de Luis Brito em Sergipe que veio com a missão de dizimar os índios e conquistar o território em 1575.

De acordo com os relatos dos moradores da comunidade capunguense, a partir da década de quarenta foi criada uma brincadeira de rua, logo em pouco tempo se tornou uma atração cultura. Essa euforia dançante foi ganhando cada vez mais adeptos para participar do evento que ganhava apoio comunitário. Atualmente o envolvimento é de todo o povoado e a dança é tão contagiatante que outros povoados vizinhos fazem este ritual de dança, do qual a população do Capunga se orgulha. De todas as manifestações que já existiram naquela comunidade, como: o pau de sebo, pescaria, quebra pote, samba de coco, samba de roda, corrida de cavalo, as serenatas, leilão, os penitentes, procissão, etc., a grande maioria já não existe, mas o Embelêco lutando com as adversidades se mantém.

## **INFLUÊNCIA CULTURAL: IDENTIDADE E MEMÓRIA ENTRE A DANÇA FOLCLÓRICA**

A dança sempre foi e é um instrumento presente na vida do ser humano. Os homens da antiguidade homenageavam seus deuses dançando. A dança é marcante, atrelada não somente nos momentos de alegria ou fé, mas também nos sacrifícios de superação ou lazer, que mesmo sofrendo suas modificações não desaparecem. Para Alencar (1998, p.13) qualquer que seja o país, a época, a cultura, a religião, o homem sempre encontra uma forma de dançar, e pela dança ele conta a história do seu desenvolvimento revelando a sua cultura.

Há milhares de danças que compõem o universo, mas a dança folclórica é a mais representativa no âmbito sociocultural do povo. Como escreveu Barreto (1994, p.55) “o folclore é um fragmento do cotidiano longínquo que vai se contextualizando no tecido social, como uma referência. Logo é uma ferramenta auxiliar da interpretação dos fatos que revela o presente em toda a surpresa do passado”. Portanto, a presença da dança folclórica misturando música, ritmos, brincadeiras, que envolve as festas comemorativas, passa uma integração social de curtição no espírito tradicional dos costumes populares enraizado de um povo. Este enraizamento é chamado Identidade cultural.

A identidade cultural é a certidão de um povo, porque é através dos aspectos peculiares que se identifica a capacidade de suas criações, crenças, ritmos, costumes, valores e experiências em comum. Através desses valorosos traços é que formam e marcam sua característica própria. Essas construções vão modelando e determinando seu potencial valor tradicional representado pela memória oral, simultaneamente é repassada de geração para geração. Para Barreto (1994, p.91) “A criação é uma produção, principalmente se ela é nova em sua forma, mas por intermédio de elementos pré-existente. A produção engloba a nação determinante que ocasiona a decisão da vontade”. No entanto, a identidade cultural de um povo pode ser observada a partir do conjunto de valores somados, do seu aspecto mais marcante construído gradativamente ao longo do tempo, distinguindo-se das demais culturas. Porém, é necessário preservá-lo para não correr o risco de descaracterizar, só assim passara a se perpetuar ao longo do tempo através da memória

A memória não é um mecanismo de gravação, mas de seleção que constantemente sofre alterações. O processo de memorização se torna abrangente quando o caminho da abordagem se faz através de relembrança, o qual é a chave para alcançar visões, opiniões e assim poder analisar o passado para uma melhor compreensão do presente. De acordo com Montenegro (2005) que estuda a cultura popular através do resgate da memória, realizando entrevistas orais de idosos: mulheres, homens e trabalhadores, o “propósito é recuperar, descrever e construir um quadro narrativo a partir do extenso universo de memória registrada”. Portanto, o caminho construído para traçar o registro da memória é a forma como estes atuam na determinação do passado e do presente, o que importa na história não são os fatos acerca do passado, mas todo o percurso em que a memória popular é construída e reconstruída como parte da consciência.

Enquanto a memória resgata as relações, ou o que está submersa no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem a

tornar da sociedade, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico apartir do trabalho do historiador. Os diversos órgãos formadores de opinião rádio, televisão, jornais e revista. (MONTENEGRO, 2005, p.20).

Com relação ao Patrimônio cultural são todos os bens de natureza material ou imaterial, individual ou em conjunto que constitui a identidade e memória de um povo ou sociedade, está incluído nesta categoria o modo de fazer, criar e viver. O processo de reconhecimento de um patrimônio cultural imaterial no Brasil ainda é lento e complexo, mas o reconhecimento pode ser adquirido pelo município, pelo Estado ou órgão federal.

A Resolução nº 1, de 3 de agosto de 2006 (IPHAN, 2006), que complementa o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 opera claramente com uma definição processual do Patrimônio Cultural Imaterial, entendendo por bem cultural de natureza imaterial as criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social; e ainda toma-se tradição no seu sentido etimológico de dizer através do tempo, significando práticas produtivas, rituais e simbólicas que são constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas, mantendo, para o grupo, um vínculo do presente com o seu passado (CASTRO, 2008, p. 12)

Para uma característica social vir a ser chamada de Patrimônio Cultural Social, como já exposto, é preciso fazer parte da identidade e memória da sociedade. Uma das maneiras disto se perpetuar é através da educação patrimonial, trabalhando na população a importância de sua identidade. Na educação, é necessário um relacionamento íntimo abrangente com a cultura, para que o individuo tenha uma conscientização de respeito, perante todos os modos de criar, fazer e viver dentro de uma lógica cultural. As dinâmicas rituais de uma sociedade, ou de um determinado grupo é toda reverência que causa a persistência do tradicionalismo guardado na memória do povo. Como escreveu Forquin (1993, p.10) “toda educação é sempre educação de alguém, ela supre sempre também, necessariamente, a comunicação, transmissão, aquisição de alguma coisa: conhecimento, competência, crença, hábitos, valores que constituem o que se chama precisamente de conteúdo da educação”.

Portanto, evidentemente é dessa capacidade inteligente que o ser humano utiliza em investimento do conhecimento aplicável na memória individual. Dessa forma, as criações culturais como as danças folclóricas e folguedos são imortalizadas no seio do seu povo. A

dança Embelêco é mais categoricamente uma criação daqueles bons observadores criativos que se espelharam em outras danças para ancorar suas criações diferentes, mas com algumas semelhanças.

## **EMBELÊCO: DANÇA FOLCLÓRICA UMA IDENTIDADE DA COMUNIDADE DO Povoado Capunga**

Embelêco é uma dança folclórica de rua, envolvente no modo de exibir seu perfil ritual que se tornou atração cultural no povoado Capunga. Esse evento ocorre todos os anos no Sábado de Aleluia antes do queima de Judas. Com o objetivo de alegrar as pessoas, a comunidade capunguense se reúne após o dia de celebração da Paixão de Cristo, para formar um elenco composto por vários personagens, os quais saem de casa em casa dançando e cantando. Além de saírem pelas ruas do Capunga, eles percorrem as outras regiões circunvizinhas como: Lagoa do Capunga, Alecrim, Itapicuru, Borda da Mata e Areias. A população se envolve de modo fervoroso no toque dos tambores, na melodia musical e barulho dos apitos, formado por uma multidão de pessoas de todas as idades, crianças, adultos e idosos, que caem na folia para acompanhar passo a passo toda trajetória dos dançantes tão vibrantes aparentemente incansáveis.

A palavra Embelêco, de acordo com dicionário (AURELIO, 1989, p.188). Significa: “Engano, embuste”, ficção, o seja, mentira artificiosa. Esta explicação justifica toda a fantasia contagiente dessa dança, principalmente a figura masculina vestido de mulher, para enganar o povo, numa transformação sedutora do erotismo sensual feminino. Esse papel de seduzir os rapazes na conquista do namoro é o que mais arranca risada do público. As representações desses personagens fazem todo diferencial atrativo e envolvente que não está presente em outras danças.

As misturas folclóricas entre as danças populares no Brasil se espalharam por várias regiões, conservando suas características primitivas ou criando outras danças semelhantes. Como a dança Embelêco, adaptando elementos característicos de uma dança e de outras, para formar seu perfil diferenciado com mudanças variantes e dessa forma displicentes terminou por criar sua própria identidade. A região Nordeste, por ter uma concentração maior dos costumes entre a miscigenação racial da presença dos portugueses, africanos e indígenas no período colonial é a que mais se destaca nesse determinado ciclo de variantes. Como: De origem portuguesa conhecida como Reiseiros ou Reisado, no Brasil conhecida como: Boi de Reis, Reisado ou folia de Reis. Já de origem africana temos em Sergipe o Cacumbi que em outras regiões são chamados de Congos, Quilombos ou Congados. Para Alencar (1998, p.71)

“onde os folguedos existem, recebem nomes diversos, mas a raiz é sempre a mesma, Africana ou portuguesa”.

Em Sergipe a presença da danças folclóricas é marcante, principalmente nas cidades de Japaratuba e Laranjeiras que é o berço da cultura popular. Um espelho de criatividades daqueles conservadores que preserva suas raízes como se fosse um patrimônio individual, porém é numa coletividade comunitária que esses indivíduos expõem suas idéias a ser acatadas pelo seu povo. Daí as misturas vão se ramificando e dando origem a outras invenções e dessa forma de produção receberá como recompensa no futuro do seio de sua comunidade a colheita do que plantou. A consagração da memória do povo que é transmitida de geração para geração, deixando marcas profundas na história que não se apaga o “passado”.

A arte Embelêco na formosa dança de rua, surgiu da fusão de outras danças populares do sincretismo religioso, como o famoso Reisado e Queima de Judas. No Brasil as influências culturais trazida pelos portugueses e espanhóis permanecem vivas como um estimulante sentimental, principalmente as que envolvem atos religiosos e profanos. Segundo, Alencar (1998, p.91) “o reisado em Sergipe tem influência marcante, porém com uma roupagem nova no modo de festejar que passou a ser apresentado em qualquer época do ano”.

Não se pode negar que o reisado é um folguedo. Ele é originário do auto em louvor do nascimento de Jesus, envolvendo brincantes e músicos. De influência portuguesa o reisado tinha antigamente o nome de Reiseiros que eram grupos de pessoas que no período de natal, saiam pela cidade anunciando o nascimento de Jesus batendo de porta em porta (ALENCAR, 1998, p.91).

Nesse caso, pode-se observar a semelhança entre o reisado da época do Brasil colônia, que era um louvor em comemoração ao nascimento de Cristo e saiam de porta em porta no dia do natal, embora essa tradição ainda permaneça no Brasil em outros Estados com outro nome, por exemplo, Dança de Reis. A Dança Embelêco também faz esse papel de sair de porta em porta para expor seu ritmo, porém com o objetivo de malhar o Judas o traidor de Jesus Cristo. De uma forma não somente escárnio, mas também de um modo alegre, extrovertido, animado e atraente.

Segundo os relatos dos moradores mais idosos do povoado Capunga, os primeiros fundadores foram o professor José Menezes conhecido como Zé de Salú, Manoel Mecena, Avelino de Mané preto, Carmeríno e outros, todos jovens solteiros que já participavam do

queima do Judas na noite do sábado de aleluia, sempre acompanhado de um leilão, inclusive o jovem Manoel Mecena era o vendedor do leilão. Então eles tiveram a idéia de fazer uma brincadeira extrovertida animando a população durante todo o dia do sábado de aleluia, carregando o Judas para ser malhado através da fantasia da dança (V.P, 2010).

A Queima de Judas é outra herança dos portugueses e espanhóis, é também uma festa tipicamente profana, com origem no imaginário cristão. Por seus seguidores o apóstolo Judas, entregou Jesus aos romanos para ser condenado á morte, tornando-se por isso um traidor. O ato consiste em surrar um boneco do tamanho de um homem, representando Judas, pelas ruas e em seguida atear fogo. Desta encenação é usado também para malhar os políticos, técnicos de futebol e outros, através das roupagens semelhantes ao dito.

A malhação do Judas é um costume trazido pelos ibéricos desde os primeiros séculos de colonização e se estende até hoje, embora, esteja mais restritos as pequenas e médias cidades do imenso Brasil. A malhação queimação ou enforcamento, ocorrem geralmente em praça pública no sábado de aleluia num misto entre sagrado e profano, visto que em plena semana santa ocorre á exorcização do mal. Mal esse que é captado pelo sentimento coletivo em torno de algo que desperta indignação, aversão, raiva e até cólera. Assim, a ira despertada através de pequeno grupo que inicia a brincadeira encontra eco, contagia várias pessoas e o sentimento passa a ser legitimado coletivamente pela comunidade dos participantes. Após julgamento, condenação, leitura do testamento do boneco-traidor ocorre á execução do Judas. (GONSÁLVES, 2008).

O queima do Judas, não é somente o queimar de um boneco feito a cabeça de madeira e o corpo revestido de palha, mas, é também a representação no adro da Igreja Católica, de um trabalho artístico e literário, representado numa rivalidade saudável, entre os lugares de Cima e de Baixo, sendo a parte das letras relativa, ou alusiva ao cenário artístico. Explora-se o aspecto crítico, humorístico, com especial incidência na vida política e social.

Na noite, do sábado de aleluia, lê-se o célebre “Testamento do Judas” que consiste em deixar uma vasta “herança” aos jovens solteiros de sua comunidade, criando-se para o efeito quadras de escárnio e maldizer, onde se ridicularizam os vícios e costumes populares

O testamento é o momento mais esperado do publico que comparece para receber o tão esperado presente deixado por Judas. Alegria é contagiente quando os políticos recebem

uma herança chula como um pinico ou as cuecas. É motivo de manifestação e muitas gargalhadas.



Figura 01: Gerente com o Judas  
Fonte: Prazeres Nunes 2009

A dança Embelêco, tem toda uma mistura do que diz respeito a essas já citadas tradições populares. Os personagens têm algumas características e semelhanças que se originam de outras culturas, porém com novas criações ou roupagem na qual as transformações buscam o apoio popular. A música de louvor entre as danças folclóricas tem influência em cada uma no modo de festejar, seja simples ou folguedos se cruzam adquirindo novas roupagens, conforme Alencar (1998, p.44) “no Guerreiro, percebe-se, porém a presença ameríndia do índio Peri, e do batuque indígena. Na Chegança, cristã se enfrentam numa guerra feita de cantos e embaixadas, de onde os mouros são vencidos e a fé cristã é exaltada”.

O Embelêco se apresenta com os seguintes personagens: dois palhaços, um faz o papel de organizador, á frente de todo o grupo dançando, cantando e rimando. O outro sai com uma bandeira pequena vermelha na mão, junto uma bolsa para arrecadar o dinheiro doado pelo dono da casa visitada, essa doação não é obrigatória e não possui valor exato, a pessoa doa se quiser, esse dinheiro arrecadado é dividido entre todos os componentes do grupo. Suas vestes são estampadas, cara pintada e chapéu guripa feito de cartolina e enfeitado de papel crepom. Em seguida vêm os gerentes, composto por 04 a 06 homens vestidos de camisas estilo times de futebol e calça com uma fita nas laterais, essa fita também é utilizada pelos componentes do Reisado.

Outra característica do Reisado é o chapéu guripa, utilizado pelo palhaço do reisado, já na dança Embelêco o chapéu é utilizado pelo palhaço e também pelos gerentes, porém com a

diferença dos oito espelhos pequenos de bolso utilizado somente pelos gerentes da dança Embelêco. Esses também utilizam apito na boca. As Figuras são homens vestidos de mulher, disfarce para seduzir os homens de forma erótica e sexual. Esses são em maior quantidade, de 12 a 20 pessoas, essa exibição categórica representativa é o diferencial, o novo, uma nova roupagem, mas com um aspecto do carnaval de rua. Além de utilizar roupas femininas eles também usam maquiagem e um lenço na cabeça com o nome de jabiraca.

Esse ritmo dançante é apresentado dentro de casa ou na frente, conforme o espaço cedido, a dança se apresenta em forma de círculo, as Figuras ficam localizadas no centro da roda, já os gerentes que usam os chapéus guripa e a apito na boca, ficam circulando em volta da roda apitando e dançando de forma como se estivesse pulando, os personagens do batuque dos tambores e triângulo ficam na frente ao lado do palhaço puxando o ritmo musical através dos trovados. Outros personagens como: os velhos esfarrapados ficam fora da casa, correndo atrás das crianças, da mesma forma ficam os personagens do médico, a viúva e o padre. No intervalo de uma casa para outra, todo o grupo se exibe em forma de sedução principalmente as Figuras que exercem a função de seduzir os rapazes solteiros.

Outros personagens humorísticos, que produzem muitas risadas ao público despertando a curiosidade é a velha buchuda, ou a viúva grávida. A figura de um homem vestido de roupa feminina todo de preto utilizando um guarda chuva na mão que se aproxima das pessoas gemendo de dor, como se a hora do parto estivesse chego, para pedir dinheiro.



Figura 02: Velha Buchuda  
Fonte: Maria dos Prazeres, 2009

Em entrevista com o coordenador, Erivaldo Costa que já está à frente do grupo há 25 anos, há algumas regras para participar dessa folia, principalmente na parte das Figuras, que

são em maior número: só pode participar a partir de 10 anos de idade. Obediência aos critérios repassados, observar o caminho traçado para conservação e preservação da manifestação, agir com determinação - todos como uma só unidade desta cultura popular. Como ressaltou Araujo Sá (2008, p.51) memória e identidade são indissociáveis, pois, ao mesmo tempo, em que a memória participa da construção da identidade, ela também molda aquilo que deve ser lembrado pelo indivíduo.

Conforme os relatos do coordenador, esse evento não tem patrocinador e nem ajuda por parte da prefeitura. Ele compra tudo com seu dinheiro e desconta todo gasto da soma do dinheiro doado durante o evento, o restante é dividido com todos os participantes. Com relação aos materiais gastos: um batom, uma pomada minacora, 12 a 20 lenços ou jabiraca, fita para colocar na calça, cartolina pra fazer os chapéus, espelhos e papel crepom. As figuras são roupas emprestadas e as camisas de futebol também. A comunidade faz questão de emprestar e ajudar.

No decorrer do tempo são observadas algumas mudanças que ocorreram por conta do avanço tecnológico da modernidade, dentre outras: os espelhos que eram bastante usados no chapéu já estão quase em extinção pela dificuldade de encontrar no comércio, é substituído por um papel brilhoso, com o mesmo formato do espelho. Outra mudança foi o transporte que era feito por uma pessoa conduzindo o Judas montado num cavalo e os restantes dos componentes do grupo acompanhavam a pé, por regiões ciclo vizinhas o que tornava bastante cansativo. Com relação à máscara dos velhos, de início era feito de um pedaço de couro de carneiro ou do bode, agora usam a de carnaval.



Figura 03: transporte para outras comunidades  
Fonte: Prazeres Nunes, 2009.

O MEDICO: sempre acompanhado de um enfermeiro também provoca muita animação, receitado e inventando doenças, mas no objetivo de animar e conduzir o doente cair na folia porque a vida foi feita para se viver. Este personagem pede gorjetas ao povo.

PADRE: com uma cruz na mão e água benta para benzer as pessoas que praticaram o ato do pecado, a função de livrar os cristãos da maldição e inveja.



Figura 04: Padre e Medico

Fonte: Maria dos Prazeres Nunes, 2009.

OS VELHOS: esses são os mais engraçados, saem correndo atrás das crianças para assustar, com um pau torto o qual eles chamam sulipa, passando rasteira nas crianças. Suas vestes são todas esfarrapadas, feito de saco e costurado com uma variedade de tiras de tecido coloridos, usam máscara no rosto e carregam vários objetos. Tai como: pinico, cabaça, chocalho, chifre de boi, palha de bananeira entre outros.



Figura 05: As Figuras

Fonte: Maria dos Prazeres Nunes, 200

## TERMO MUSICAL

Eles saem cantando várias estrofes, com a seguinte melodia:

O palhaço sai na frente a cantar:

Palhaço: Embeleço nego velho chapéu de couro levante a  
saia amarre o cós.

Coro: menina bonita é quem mata nós.

Palhaço: É sexta é sábado domingo é meu.

Coro: o capim da lagoa o veado comeu.

Palhaço: Três pimentas não dão um molho:

Coro: a cabeça do Judas só tem piolho.

Palhaço: o palhaço que é

Coro: ladrão de mulher

À noite se lêem um testamento em forma de versos numa exibição de 01h30min a 02h00min de duração, deixando todas as heranças do Judá para os moradores. Após toca-se fogo no Judas.

Atestado do Judas: Para Mané da vagem que é um vereador do povo, vou mim despedir  
Deixando um pinico novo e para sua linda esposa vou deixar minha  
Silora.

Para Zé de chiquita vou deixar meu carro velho, e para seu cunhado  
Que gosta de tomar todas, deixo todas as minhas quengas para  
acalmar seu fogo.

Vou deixar um abraço para o compadre Zequinha da lagoa, e para  
Tonho de Maria pretinha que zela tanto pelo povo, deixo o meu  
cavalo e um relógio de ouro.



Figura 06: Elenco do Embelêco  
Fonte: Maria dos Prazeres Nunes, 1998.



Figura 07: Componentes da dança Embelêco  
Fonte: Maria dos Prazeres Nunes, 1990.

## CONSIDERAÇOES FINAIS

Portanto, as misturas culturais entre as danças folclóricas são caracterizadas e definidas por diferentes formas do modo de convivência, que podem ser: grupal, em comunidade ou em sociedade. É através de uma base sólida, de convivências cotidianas que surgem às inúmeras criações e invenções; nessa amplitude de inovação ocorrem às transformações, ganhando espaço nas ramificações uma cultura dá origem à outra sem perder

suas características. Então, o limite das criações é inesgotável para o ser humano na busca incessante do novo.

Logo, é necessário que haja o cuidado para preservar essas raízes culturais já existentes, pois muitas vão desaparecendo lentamente. Sempre quando uma nova invenção cultural faz muito sucesso a ponto de despertar um público contagiente envolvendo toda massa popular, outras vão perdendo o estímulo, esgotando-se no vazio que gradativamente vão se desfazendo pouco a pouco até ficarem extintas.

Assim, percebe-se a importância da preservação de uma identidade ou patrimônio de um povo, porque é através das relações comunitárias que os membros de uma comunidade ou sociedade, formam um processo de união centralizadora para preservar suas raízes.

Preservar uma identidade ou um patrimônio cultural, não é tarefa fácil para uma sociedade que mantém os laços culturais, com as mesmas crenças, hábitos, modo de ser e fazer seus rituais, diante da modernidade tecnológica, onde as novas invenções não são duráveis e constantemente são substituídas por outras como se fossem descartáveis. É difícil lutar com as diversidades do mundo moderno e globalizado, onde o novo ocupa o espaço do velho, o antigo qualificado como moda do atraso, como se fosse um entulho, “lixo” que não serve mais. A coragem de enfrentar esses desafios é a marca da resistência valente de um povo que cultiva suas raízes de forma crescente no domínio sentimental, de uma visão ampla e exemplar para quem acredita que o homem morre na matéria carnal, mas a sua história é imortal.

A comunidade capunguense se orgulha da preservação de seus hábitos e crenças mesmo com algumas perdas de difíceis recuperações. A dança Embelêco é a sua maior fantasia agregada num sentimento de emoções que se criou uma relação afetiva no preparo educativo de transmissão do aprendizado de suas raízes que permanece passado de geração para geração.

Enfim, é desta visão elevada e persistente que necessitamos para mostrar o Embelêco para o mundo. É através do ensino educativo nas escolas que ele não será esquecido, nem liquidado pelas novas gerações. Assim, pelo conhecimento de uma educação patrimonial de transmissão social repassando informações as sociedades para que possam perceber o quanto é importante preservar essa identidade e patrimônio cultural. Somente através do método educativo podemos contribuir para que essas raízes não caiam em extinção.

O reconhecimento e a preservação desta dança de rua “Embelêco” são fundamentais para a perpetuação do patrimônio cultural e da identidade deste povoado. Só assim valorizaremos estas raízes na memória do povo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Aglaé D'Avila Fontes. **Danças e Folguedos**, Aracajú- Secretaria de Estado da Educação do Departamento e Lazer, 1998.
- AURELIO. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988.
- BARRETO, Luís António. **Um Novo entendimento do Folclore**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.
- CASTRO, Maria Laura Viveiro e Maria Cecília Londres Fonseca. **Patrimônio Imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, EDUCARTE, 2008.
- CINFORM, **História dos Municípios**. Central de informações comerciais LTDA. Aracaju - SE, 2002.
- FREIRE, Felisbelo. **História Territorial de Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe/ Secretaria de Estado da Cultura, FUNDEPAH, 1995.
- FORQUIN, Jean Claude. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar; tradução de Guacira Lopes Louro – Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **Historia Oral e Memória: A cultura popular revisitada**. Ed. 3- São Paulo: contexto 2001.
- MURRAY, Charles. A memória oral: **Memória, Patrimônio, Identidade**. Boletim 4, programa 2 Ministério da Educação 2005
- ARAÚJO SÁ, Antônio Fernandes. Historia Memória e Identidade. In: **Identidades**: Teoria e Pratica. São Cristovão: Editora UFS, 2008, p. 46-55.
- GONÇALVES, Claudio Ubiratan. *Malhar Judas ou malhar Jesus?* Artigo publicado em 25 Marços 2008 by HC.